

THE ARCHITECTURE OF BAKHTINIAN ARCHITECTONICS

A ARQUITETURA DA ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA

Urbano Cavalcante Filho¹

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)
da Universidade de São Paulo (USP)

urbanocavalcante@usp.br

**12th International Congress of the Brazilian Studies Association
(BRASA)**

King's College – London – UK

August 2014

¹ Doutorando em Letras no PPG em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP), desenvolvendo investigação sobre o discurso da divulgação científica no Brasil do século XIX, aportado na teoria bakhtiniana, sob a orientação da Profa. Dra. Sheila Vieira de Camargo Grillo, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Possui Mestrado em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Mestrado em Cultura e Turismo, Especialização em Leitura e Produção Textual e Licenciatura em Letras - Habilitação Português/Inglês pela mesma universidade. De 2005 a 2009, atuou como Professor de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-Ilhéus-Ba). Atualmente é Docente de Língua Portuguesa do quadro efetivo do Instituto Federal da Bahia (IFBA-Campus Ilhéus). É membro/pesquisador do GP/CNPq/USP "Grupo de Estudos do Discurso da USP" (GEDUSP) e membro pesquisador associado ao BRASA (*Brazilian Studies Association*), à ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), ao GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo), à ALED (Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso), ao CIFEFIL (Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos) e ao GED (Grupo de Estudos Discursivos da UNESP), com interesse de pesquisa nos seguintes temas: análise do discurso/texto, teoria bakhtiniana, gêneros discursivos, divulgação científica, ensino de língua portuguesa, teoria e análise linguística, leitura e produção de texto, formação de professores. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6466770995969401>

ABSTRACT

The reading and the understanding of Bakhtin's and his Circle work are not simple tasks. Reading and writing his ideas demand us, readers and researchers, a deep reflection and maturation time for an active and responsible comprehension of his postulates. In this work, we intend to outline a way that leads us an active comprehension of one of the most important bakhtinian theory concepts, however understudied, the concept of "architectonics". For that, we propose that the understanding of this concept is just possible if we study, jointly and complementarily, the author's first four works: *Art and Answerability* (1919), *Toward a Philosophy of the Act* (1920-24), *Author and Hero in Aesthetic Activity* (1924-27) and *The Problem of Content, Material, and Form in Verbal Art* (1924), defending the idea that such concept can't be understood from a specific work or sistematized in a linguistic or linguistic-literary strictly perspective.

Keys-words: Architectonics; Responsibility; Bakhtinian theory.

RESUMO

A leitura e o entendimento da obra de Bakhtin e seu Círculo não é uma das tarefas mais simples. Ler e escrever sobre suas ideias exige de nós, leitores e estudiosos, profunda reflexão e tempo de maturação para uma compreensão ativa responsável de seus postudados. Neste trabalho, pretendemos traçar um caminho que nos leve a uma compreensão ativa de uma das concepções mais importantes da teoria bakhtiniana, porém pouco estudada, o conceito de "arquitetônica". Para isso, propomos que o entendimento deste conceito só é possível se estudarmos, conjunta e complementarmente, as quatro primeiras obras do autor: "Arte e responsabilidade" (1919), "Para uma filosofia do ato" (1920-24), "O autor e a personagem na atividade estética" (1924-27) e "O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária" (1924), defendendo a ideia de que tal conceito não pode ser depreendido de uma obra específica ou sistematizado numa perspectiva estritamente linguística ou linguístico-literária.

Palavras-chave: Arquitetônica; Responsabilidade; Teoria Bakhtiniana.

**A Arquetônica é, antes, uma agenda de tópicos
tão basais e complexos que nem sequer o
transcorrer de uma vida inteira bastaria para
ponderá-los até o fim.**

Clark & Holquist

1. Introdução

Já é lugar-comum o fato de se considerar as reflexões de Bakhtin e seu Círculo como um postulado consolidado na história do pensamento linguístico. Conceitos por eles empreendidos como dialogismo, carnavalização, cronotopo, bivocalidade, polifonia, enunciado concreto, plurilinguismo, ato ético, arquetônica, entre outros, constituem ferramentas imprescindíveis quando tentamos compreender a linguagem e o ser da linguagem. Constitui uma tarefa não muito fácil mergulhar nas reflexões filosóficas propostas pelo Círculo de Bakhtin.

A necessidade e a busca pela compreensão das formas de produção do sentido bem como a compreensão das mais variadas formas de funcionamento do discurso foram a motivação para que Bakhtin se empenhasse no projeto de formulação de uma teoria ética e estética da linguagem. Para além dos trabalhos com a análise Rabelais, Goethe e Dostoiévski, apesar de apresentarem concepções bem elaboradas e sistematizadas, interessou também ao filósofo russo o estudo do discurso cotidiano, filosófico, científico e institucional. Com isso, deparamo-nos com uma forma diferente, uma nova perspectiva de encarar a linguagem humana, entendendo-a como um constante processo de interação mediado pelo diálogo – e não apenas um sistema abstrato e autônomo, desvinculado do meio social, alheio à vida.

Nosso objetivo, neste artigo, é buscar rastrear como o importante conceito de arquetônica pode ser entendido na teoria do círculo de Bakhtin. No entanto, no momento em que nos deparamos com a obra bakhtiniana, e nos propomos a discorrer sobre tal conceito filosófico, tomamos o mesmo argumento utilizado por Freitas (2013) para dizer que se ler Bakhtin não é uma tarefa das mais fáceis:

o ato de escrever é ainda mais complexo, pois, tenho que, com as minhas palavras trazer os dizeres do autor, os sentidos por mim construídos na interlocução com ele. E é difícil passar para a escrita todo o vivido e o experimentado. Assumo, no entanto, o risco dessa empreitada selecionando alguns fragmentos dos textos lidos que mais me mobilizaram sem pensar em esgotar a riqueza de tudo que foi dito pelo autor (FREITAS, 2013, p. 184).

Isso se justifica pelo fato de Bakhtin se posicionar diante da linguagem de um lugar que articula ética, estética e diferentes pressupostos filosóficos. O conceito de arquitetônica, complexo por si mesmo, não pode ser apreendido de uma obra específica ou sistematizado numa perspectiva estritamente linguística ou linguístico-literária. Tal conceito emerge, portanto, de um comprometimento não só linguístico, mas de uma visão de mundo que busca entender o todo, numa perspectiva em que estão articulados, numa relação dialógica infinda, os aspectos social, histórico, cultural e ideológico da produção da linguagem.

2. O projeto arquitetônico bakhtiniano

Nas palavras introdutórias de seu artigo *Imia ou prozvishche? Bakhtin, Gogol e a história do riso*, David Shepherd afirma que “o horizonte de aclamar Bakhtin como um reservatório inesgotável de inovação teórica e metodológica incontestável há muito já se passou” e que “os atuais estudos bakhtinianos estão menos preocupados, e com razão, em explorar aonde o pensamento de Bakhtin pode levar e mais em perguntar de onde veio o pensamento de Bakhtin” (SHEPHERD, 2006, p. 208).

Formulações feitas na década de 1920 do século passado, muitas delas aparecidas tardiamente no Ocidente, revelam-se fundamentais para a empreitada do nosso propósito neste artigo. Dessa forma, para cumprir nossa finalidade, pautamo-nos, enquanto fundamento epistemológico-metodológico, na teoria bakhtiniana da linguagem, vislumbrando mostrar que o conceito de arquitetônica na medida em que leva em consideração os aspectos históricos, sociais, culturais, éticos e estéticos, possibilite-nos ver o mundo e a linguagem como acontecimento, como uma atividade, e o ato humano com a linguagem um evento singular, único e irrepetível num dado espaço e tempo.

Conforme Brait e Campos (2009), no período em que viveu em Nevel, de 1818 a

1920, Bakhtin iniciou o seu grande projeto filosófico sobre a *Arquitetônica da responsabilidade*. Esse projeto tem continuidade quando, no final dos anos de 1920, membros do Círculo mudam-se para Vitebsk, cidade vanguardista a 100 km ao sul de Nevel.

Dessa forma, levando-se em consideração o projeto de elaboração de uma filosofia da linguagem empreendida pelo Círculo de Bakhtin na década de 1920, a pertinência das reflexões para o entendimento do funcionamento da linguagem, além dos comentários existentes elaborados por estudiosos da teoria bakhtiniana, duas indagações básicas norteiam nossa preocupação no entendimento do conceito de arquitetura bakhtiniano, podendo ser explicitadas da seguinte maneira:

a) em que consiste a arquitetura bakhtiniana, ou, para utilizar a expressão apresentada por Clark e Holquist (2008), a *arquitetônica da responsabilidade*?

b) Como pode ser rastreada a elaboração desse conceito na obra do teórico russo?

Propomos que o conceito de arquitetura está presente nas quatro primeiras obras fundamentais do autor: *Arte e responsabilidade* (1919), *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-24), *O autor e a personagem na atividade estética* (1924-27) e *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1924). Assim, de forma panorâmica (em virtude da extensão desse artigo), passaremos o olhar por essas obras, que constituem o alicerce que sustentará o conceito de arquitetura para, em seguida, esboçar uma resposta sobre o nosso entendimento de tal conceito.

2.1 Arte e responsabilidade

Começamos a pensar nessa empreitada conceitual filosófica a partir do seu primeiro texto escrito, *Arte e Responsabilidade*, considerado o texto precursor do conceito de arquitetura. Produzido em 1919 e publicado em 13 de setembro no almanaque diário *O dia da arte*, de Nevel, esse brevíssimo, mas denso artigo de duas páginas (Boris Schnaiderman o chamou de “miniensaio”), o jovem Bakhtin já lança na arena de sua reflexão dois aspectos importantes para o entendimento da arquitetura, embora esse conceito ainda não seja por ele cunhado e muito menos definido:

- i) a oposição desse gesto conceitual com a noção de mecânica; e
- ii) a noção de totalidade ao integrar ciência, arte e vida sob a égide da

responsabilidade.

O primeiro aspecto diz respeito à diferença entre a ligação mecânica e a articulação arquitetônica entre os elementos que compõem um todo: “Chama-se *mecânico* ao todo se alguns de seus elementos estão unificados apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido. As partes desse todo, ainda que estejam lado a lado e se toquem, em si mesmas são estranhas umas às outras” (BAKHTIN [1919], 2011, p. XXXIII). É em oposição ao conceito de mecânica que Bakhtin direciona sua especulação filosófica sobre a arquitetônica, ao pensar a relação entre os elementos constituintes de um todo numa perspectiva interacional, dialógica, fronteira e de interdependência e interferência recíprocas.

Já pensando no segundo aspecto, o da totalidade, evocamos a voz do próprio Bakhtin: “Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. [...] o que garante o nexo entre os elementos do indivíduo? Só a unidade da responsabilidade” (BAKHTIN [1919], 2011, p. XXXIII). Vemos, pois, que Bakhtin já está pensando no descarte de se considerar separado o mundo da teoria do mundo da vida, ideia que ele desenvolverá posteriormente no escrito *Para uma filosofia do ato responsável*. O que temos, com base nessa visão, é a proposta bakhtiniana e a importância atribuída pelo filósofo à relação intrínseca entre o geral e o particular, entre elementos constituintes e totalidade, ou seja, a relação entre a arte e a vida na existência humana, tomando o eu como integrante e dotado de responsabilidade² (responsabilidade *por* e responsividade *a*) como aquilo que garante a unidade interior dos elementos que constituem o homem, tanto numa perspectiva ética quanto estética.

2.2 Para uma filosofia do ato responsável

Para uma filosofia do ato responsável, fragmento de um ensaio filosófico inacabado, datado do início dos anos 1920³, escrito provavelmente entre 1920 e 1924, funciona como

²A responsabilidade, elemento constituinte da vida e garantidor da unidade interior da pessoa, refere-se ao fato de o homem responder pelos seus próprios atos. Para melhor aprofundamento sobre a questão da responsabilidade, ver BAKHTIN, M. *Por uma filosofia do ato responsável*. Trad. Vladimir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

³ Escrito às pressas e reconstituído e editado por Vadim Liapunov e Michael Holquist, a partir de um

marco zero do multifacetado pensamento bakhtiniano. Trata-se de uma obra que permaneceu inédita por décadas⁴ e, portanto, não estabeleceu um diálogo com seu tempo, mas já traz de forma clara sinalização das preocupações literárias e filosóficas que impulsionava as reflexões de Bakhtin. Embora, como diz Fiorin (2011), a obra seja “marcada por inacabamento, um vir a ser, uma heterogeneidade, que tornam muito complexa a apreensão de seu pensamento” (2011, p. 205), *Para uma filosofia do ato responsável* é um excelente trabalho que traz um importante e nuclear conceito da teoria bakhtiniana, o de ato responsável. Além disso, Bakhtin tem nessa obra um projeto de estudo teórico mais amplo que envolveria, primordialmente, e que nos interessa tratar aqui, “a arquitetônica do mundo real” e a “atividade estética como ação ética”. Apregoa o pensador: “Somente do interior do ato real, singular – único na sua responsabilidade – é possível uma aproximação também singular e única ao existir na sua realidade concreta; somente em relação a isso pode orientar-se uma filosofia primeira” (BAKHTIN [1920-4], 2010, p. 79).

Este escrito é uma obra-chave para entendermos o projeto filosófico bakhtiniano. O cerne da questão filosófica trazida na obra pode ser sintetizado na seguinte questão: o problema da cisão entre o sentido (o significado) de um ato e a sua realidade histórica única. Para o filósofo, essa cisão só pode ser superada se o sentido tornar um momento constitutivo do ser-evento. Dessa forma, “compreender um objeto é compreender o meu dever em relação a ele (a atitude ou posição que devo tomar em relação a ele) – e isso pressupõe minha participação responsável, e não uma abstração” (BAKHTIN [1920-24], 2010, p. 66).

Nessa obra, Bakhtin cunha o termo *arquitetônica* para pensar e mostrar, em sua construção teórica, que, sozinhos, os pilares de sustentação de base não funcionam. É preciso que esses pilares, para formar um todo arquitetônico único, considerado em sua concretude, estejam harmonicamente em relação:

É esta arquitetônica do mundo real do ato que a filosofia moral deve descrever, não como um esquema abstrato, mas como o plano concreto do mundo do ato unitário singular, os momentos concretos fundamentais da sua construção e da sua disposição recíproca. Estes momentos fundamentais são: eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro;

conjunto de anotações encontradas no arquivo de Bakhtin.

⁴ Obra escrita em Vitebsk, que só foi editada e apareceu em 1986, na Rússia em edição organizada por Botcharov. Seu título original é desconhecido. O que se encontra na publicação em russo, traduzido para as demais línguas, foi criado pelo organizador. A versão traduzida para o português, em 2010, tomou por base a versão italiana, de uma edição organizada pelo estudioso Augusto Ponzio.

todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também os éticos e sociais) e, finalmente, religiosos. Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro (BAKHTIN [1920-4], 2010, p. 114-5).

Dessa forma, em *Para uma filosofia do ato responsável* estão esboçadas algumas ideias que, de alguma forma, nortearão e estarão presentes no conjunto da obra bakhtiniana, temas desenvolvidos e aprofundados, como responsabilidade, ato ético, eu e outro, exotopia, autoria, entre outros.

2.3 O autor e a personagem na atividade estética

Outro ensaio de extrema relevância para a argumentação nesse artigo é *O autor e a personagem na atividade estética* (produzido entre 1924 e 1927), constante da coletânea *Estética da Criação Verbal* (2011)⁵. É um ensaio em que Bakhtin apresenta a sua chamada “filosofia estética”, contrapondo-a ao método e sobretudo o formalismo russo. É um ensaio que se aproxima da abordagem feita pelo autor em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*, que discutiremos logo em seguida.

Este texto, um dos primeiros escritos de fôlego do autor, é um longo e difícil ensaio, produzido quando Bakhtin vivia em Vítebsk e se reunia com membros do Círculo. Como não foi um texto preparado para publicação, ele foi reconstituído pelos editores a partir de materiais remanescentes, não apresentava título, havia trechos ilegíveis, além de ser um texto mutilado no início: faltam-lhe cerca de vinte páginas, no que parece ser a introdução do primeiro capítulo. É um trecho que não aparece na edição russa nem na brasileira, mas que, na edição americana de *Art and Answerability*, de 1990, aparece numa *Supplementary Section*. Em seu artigo *A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos de língua portuguesa*, Campos nos atenta para um detalhe sobre tal texto:

Ao iniciar a leitura do primeiro capítulo da edição brasileira de “O autor e a

⁵ Livro foi publicado 4 anos após a morte de Bakhtin, como indicado na nota anterior. Foi organizado a partir de trabalhos recolhidos do arquivo de Bakhtin por S. G. Botcharov. Os textos reunidos são escritos feitos por Bakhtin, entre o período de 1920 e 1974, em momentos e em lugares distintos.

personagem”, logo no segundo parágrafo somos surpreendidos com a expressão “Já afirmamos bastante que cada elemento de uma obra nos é dado na resposta que o autor lhe dá” (Bakhtin, 2003: 3). O leitor relê o advérbio “bastante” e não entende a que se refere, porque o texto acabou de começar. Tal menção refere-se a uma parte anterior que não está presente nessa edição. Na verdade, é preciso retomar o início do texto publicado na versão em inglês e espanhol para encontrar as várias páginas que trazem uma detalhada análise do poema lírico de Aleksandr Púchkin, *Razluka* [A separação] (1930). Esse fragmento, por sua vez, sinaliza que faz parte do mesmo projeto de investigação iniciado anteriormente em *Para uma filosofia do ato responsável* (CAMPOS, 2012, p. 25).

Neste longo e difícil ensaio, apesar de faltando trechos e apresentar partes ilegíveis, é possível perceber como Bakhtin apresenta os pontos básicos de sua visão estética romanesca, que, bem verdade, podemos entendê-la como um visão de mundo e uma concepção revolucionária de linguagem. Bakhtin deseja, pois, estabelecer os fundamentos de uma “filosofia da estética”, tomando como cerne da discussão a compreensão do princípio básico da relação entre o autor e a personagem. Temos uma orientação do filósofo para a elaboração de uma teoria do ato estético, que corresponderá a um exemplo particularmente elaborado de um tipo de relação humana, em que a perspectiva da alteridade, na relação entre duas ou mais consciências (autor, herói ou personagem) produzem relações no plano artístico, em condições de igualdade e complementaridade da unidade de sentido.

Neste trabalho, Bakhtin mostrará como, na criação artística, há a necessidade de sair de si mesmo (o que chamará de extraposição), isto é, a construção estética só é percebida do exterior, como um todo. Temos então esboçado um primeiro princípio arquitetônico: a extraposição, a exotopia, cuja completude se dá a partir do excedente de visão. Vemos, portanto, que a alteridade é central nessa elaboração conceitual.

Diante das considerações apresentadas acima, sublinhamos aqui que é no ensaio *O autor e a personagem na atividade estética* que Bakhtin apresenta uma definição mais pontual da arquitetônica. Tal definição não se encontra na edição brasileira constante da coletânea *Estética da criação verbal*, pelas razões já apresentadas anteriormente. Podemos encontrar esse fragmento, que se acredita ser a introdução do referido ensaio, na edição em espanhol *Hacia una filosofía de lacto ético. De losvorradores y otros escritos* (1997), organizada por Zavala e Ponzio, com tradução para o espanhol de Tatiana Bubnova, e em *Art and Answerability*, de 1990, organizada por Holquist e Liapunov, traduzido pelo último.

A definição antecede uma análise feita por Bakhtin do poema *Razluka* (Separação)

de Aleksandr Pushkin, escrito em 1830, que, aliás, é uma versão da análise mais detalhada do que a que aparece na obra *Para uma filosofia do ato responsável*. Na obra em espanhol, encontramos a seguinte definição apresentada por Bakhtin:

La arquitectónica – en cuanto una disposición y relación especulativamente necesaria, no fortuita de las partes y momentos concretos, singulares en un todo acabado – es posible tan sólo en torno al hombre en cuanto héroe dado. Pensamiento, problema, tema no pueden ser fundamento de la arquitectónica, puesto que ellos mismos requieren de un todo arquitectónico concreto, para lograr una cierta conclusión. [...] Incluso un todo discursivo de algún trabajo científico en prosa no está condicionado por la esencia de su idea principal, sino por los momentos absolutamente casuales con respecto a esta esencia, y ante todo aparecen inconscientemente limitados por el horizonte del autor [...] (BAJTIN, 1997, p. 83-84).

Nas considerações feitas do poema de Puchkin, Bakhtin mostra o homem como centro de valor, ressaltando que o sentido que atribuímos ao todo só é possível se considerarmos o herói, a heroína e o autor-criador como aspectos do objeto estético, ou seja, o sentido só é atribuído a partir de um centro de valor. Exemplificando com o poema de Puchkin, o termo *terra estrangeira* só adquire sentido se considerado a partir de certo ponto de vista ou centro de valor. A Rússia é, portanto, terra estrangeira para a heroína enquanto é terra natal para o herói. Temos, portanto, no poema, os elementos concretos da arquitetura, atraídos por dois centros valorativos, do herói e da heroína, centros valorados no interior de um acontecer único.

2.4 O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária

Em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1923-24), Bakhtin, ao trazer o conceito de objeto estético, traz reflexões iniciais sobre o campo da crítica da arte e da estética em geral. Aqui o filósofo russo tece uma crítica à estética material, alegando que esta, associada ao formalismo russo, não tem condições de fundamentar a forma artística, por apoiar-se na primazia do material. Assim, pautada no tecnicismo, é impossível apreender a totalidade da obra na sua singularidade e significação estética, já que essa estética não relaciona a vida, a arte e o conhecimento, isto é, desconsidera a relação e envolvimento mútuo entre a ética, a estética e a cognição.

Nesse ensaio, ganha relevância o conceito de *forma* traduzida pelo autor. Enquanto expressão da atividade criativa, a forma pode ser estudada de duas maneiras:

a) como forma arquitetônica, tenho como centro o ser humano, o mundo do homem, com seus valores, ações, desejos, sentimentos, determinado axiologicamente e voltado para o conteúdo (os atos humanos); e

b) como forma composicional, que se refere à realização da forma arquitetônica em um material.

Dentre as várias críticas dirigidas à estética material, uma delas refere-se à confusão entre as formas arquitetônicas e composicionais. Dessa forma, o teórico se propõe a estabelecer a distinção entre elas. Enquanto a forma composicional que organiza o material têm “um caráter teleológico, utilitário, como que inquieto, e estão sujeitas a uma avaliação puramente técnica, para determinar quão adequadamente elas realizam a tarefa arquitetônica” (BAKHTIN [1923-24], 2010a, p. 25), as formas arquitetônicas

são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica, etc.; todas elas são aquisições, realizações, não servem a nada, mas se auto-satisfazem tranquilamente; são as formas da existência estética na sua singularidade. [...] A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional.

Não tem valor para Bakhtin a concepção de forma numa perspectiva meramente técnica. Ao diferenciar essas duas formas (arquitetônica e composicional), Bakhtin toma a forma arquitetônica como aquela que tem como centro o ser humano e considera que o valor está no todo, na inter-relação entre forma, conteúdo e material. Assim, o autor mostra que, apesar de a forma artística se realizar no todo do material, ela não se esgota nele; antes, é nela (na forma artística) que interagem, em influência recíproca e de forma indissolúvel, a forma do conteúdo, a forma composicional e a forma do material, num movimento de implicação mútua.

3. Então, como entender a arquitetura bakhtiniana da responsabilidade?

Concordamos com Morson e Emerson (2008, p. 21), quando eles afirmam que

“Bakhtin não facilitou para ninguém a reconstrução do “labirinto dos elos” entre suas próprias idéias [...] É difícil datar sua obra, porque não raro decorreram décadas entre a composição e a publicação; muitas vezes é difícil dizer quando a obra começou, e ainda mais difícil saber como ela evoluiu nesse ínterim”. Assim, a partir de nossa leitura e entendimento das 4 principais obras da década de 1920 (*Arte e responsabilidade* (1919), *Para uma filosofia do ato* (1920-24), *O autor e a personagem na atividade estética* (1924-27) e *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (1924)), diríamos que entendemos a arquitetônica bakhtiniana ou arquitetônica da responsabilidade como a construção (para utilizar, como fez Bakhtin, o termo advindo da arquitetura) do discurso, com vistas a ser portador de uma ordenação, uma *unidade de sentido*, considerando sua totalidade, ou seja, é a articulação dialética e dialógica da forma, do material e do conteúdo. Essa unidade da totalidade de sentido (já anunciada em *Arte e Responsabilidade*) advém dos elementos que, concebidos e atuantes no *mundo das relações*, relações essas de caráter interdiscursivo e interativo, e, portanto, dialógico.

A totalidade arquitetônica possibilita que perguntemos sobre quem produziu o quê, para qual interlocutor foi produzido, quais eram as circunstâncias/contexto de produção, enfim, o ato humano marcado e situado em sua totalidade. Temos aqui, portanto, no objeto estético, o ato responsivo de um *autor-criador*, que sob uma aura axiológica compõe um objeto estético, integrando os aspectos éticos, estéticos e cognitivos, de forma arquitetonicamente harmônica. Estamos diante, portanto, de um trabalho autoral, um ato responsável (sem álibi para a existência), de uma atividade de resposta (a alteridade como elemento fulcral), num dado espaço-tempo, de responsabilidade (eu – outro), cujo acabamento só é dado de fora, do exterior (exotopia/ excedente de visão). Afinal, outro é visto por mim como acabado, ao passo que vejo a mim mesmo como essencialmente inacabado, ao mesmo tempo em que o outro se vê como inacabado e me vê como acabado: trata-se do excedente de visão, base tanto da interação como da atividade autoral e científica. Isso remete à questão da “exotopia” ou “excedente de visão”, que é a base do trabalho estético.

4. Considerações finais

O filósofo russo e seu Círculo desenvolveram reflexões extremamente pertinentes

para se pensar e entender a linguagem e o homem, enquanto ser de linguagem. Conceitos importantes como arquitetônica, ato ético, responsabilidade, responsividade, gênero discursivo, entre outros, constituem ferramentas imprescindíveis na busca de uma compreensão do sujeito em sua relação com o outro e seu agir no mundo da vida, da arte e da ciência.

Pensar o conceito de arquitetônica nas formulações bakhtinianas requer uma compreensão do substrato filosófico que sustenta tal noção e todo o seu pensamento na formulação de sua estética geral. A finalidade das interações arquitetônicas é, portanto, a busca pela “unidade de sentido”. Analisar um texto, portanto, na intenção de apreender a sua arquitetônica, significa estudá-lo em todas as suas dimensões, identificando as partes que o compõem, analisando como essas partes se articulam para a construção de sentido, explicitando, assim, as inter-relações axiológico-dialógicas que constituem o todo em sua imbricação com os valores éticos, culturais, históricos, sociais, políticos e ideológicos. Enfim, a arquitetônica permite-nos que compreendamos o mundo como acontecimento respaldado numa atitude responsiva e dialógica, nunca abstrata e mecânica.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: *Questões de literatura e estética* (A teoria do romance). 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010a. p. 13-70.

_____. Arte e responsabilidade. In: *Estética da criação verbal*. Trad. do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. XXXIII-XXXIV.

_____. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da criação verbal*. Trad. do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 3-194.

BRAIT, Beth; CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia Czarista à web. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.

CAMPOS, Maria Inês Batista. A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos de Língua Portuguesa. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. N. 1. São Paulo: FFLCH-USP, 2012. p. 245-261.

FIORIN, José Luiz. Resenha. *Bakhtiniana*. São Paulo, v. 1, nº 5, p. 205-209, 1º semestre 2011.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Identidade e alteridade em Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. p. 183-217. (Série Bakhtin: inclassificável; v.3).

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SHEPHERD, David. Imia ou prozvishche? Bakhtin, Gogol e a história do riso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 208-226.